

## A REPRESENTAÇÃO DO INDÍGENA NA PRIMEIRA GERAÇÃO DO ROMANTISMO BRASILEIRO

Glaucya Oliveira Rezende<sup>1</sup>  
Nathalia Lilian Silva<sup>2</sup>  
Kesley Mariano da Silva<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este artigo apresenta representações, pontos de vista, impressões, tanto de escritores brasileiros como de portugueses, para com os indígenas e sua cultura. Uma análise cronológica, geográfica, literária e cultural, buscando uma possível compreensão do pensamento da época, e seus reflexos incorporados ao movimento literário Romântico no Brasil, em especial, sua primeira fase, visto que é neste momento em que ocorre a exaltação da pátria e a busca para o modelo ideal de herói nacional. Há, portanto, uma definição do típico herói brasileiro formado à época com base na investigação de alguns documentos literários e históricos relativos à colonização nacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Representações. Análises. Romantismo. Nativos Brasileiros. Herói.

### INTRODUÇÃO

O Romantismo foi um movimento literário, artístico e filosófico que surgiu no final do século XVIII na Europa, tendo seu término no fim de XIX. Teve características bem diferentes do período anterior que a literatura propunha (neoclassicismo), por exemplo, a visão de mundo dos românticos, que tinha como centro dessa visão o indivíduo, por isso os autores retratavam suas próprias experiências amorosas, frustrações, tragédias, idealizações, amores platônicos ou impossíveis. Logo o século XIX seria marcado pela subjetividade, a volta do lirismo, e a valorização do 'eu'.

O Romantismo se dividiu em três fases, e a primeira fase é denominada nacionalista ou indianista, justamente por retratar o indígena, e transformá-lo no herói brasileiro, uma vez que o sentimento de independência pairava sob os céus brasileiros pelo fato da Independência no Brasil, em 1822.

Dentro deste cenário, envolvidos em um espírito nacionalista, o indígena então foi o escolhido pelos autores brasileiros como o herói, destemido, forte e

---

<sup>1</sup> Graduação em Letras: Português/Inglês (UNIFAN); e-mail: [09h55m@gmail.com](mailto:09h55m@gmail.com) .

<sup>2</sup> Graduação em Letras: Português/Inglês (UNIFAN).

<sup>3</sup> Graduação em Letras: Português/Inglês (UEG); Graduação em Direito (FMB); Especialização em Docência do Ensino Superior (FINOM); Mestrado em Educação (UNESA); e-mail: [kesleymariano@hotmail.com](mailto:kesleymariano@hotmail.com) .

corajoso. E o Romantismo se encarregou de lhe dar essas características, uma vez que a mais forte delas é a idealização do perfeito. Este trabalho então orientar-se-á essa escolha do indígena para esse cargo de herói nacional, e a verdadeira face do índio brasileiro.

Diante das várias interpretações do indígena brasileiro, surgem indagações a respeito desse personagem fundamental para o povo brasileiro, se o indígena sempre foi dócil mesmo, se ele realmente seria capaz de trair a sua tribo por amor, são alguns questionamentos que norteiam esse trabalho. Buscou-se reunir pesquisas, textos de informação para responder as seguintes indagações.

A partir destas considerações, visa-se responder a seguinte pergunta: Por que retratar o indígena como o “bom selvagem” e não usar as suas características reais para o nativo?

Partiu-se da pesquisa em textos de informação em épocas diferentes do Romantismo para descobrir como eram os indígenas brasileiros em seus primeiros contatos com os portugueses para saber como eram suas características físicas e comportamentais e como reagiram ao contato com outros povos. Também foram analisadas obras românticas em os autores, em especial José de Alencar, retratou o índio em diversas fases.

A relevância dessa pesquisa contribui diretamente aos estudos que podem auxiliar na fixação e aprimoramento de conhecimentos. O trabalho também tem como objetivo mostrar de forma clara os motivos pelos quais os autores escolheram o indígena como o herói brasileiro e por que lhe foi dado características que não pertenciam à realidade do povo indígena, a fim de adquirir mais conhecimento.

Através de grandes autores da literatura que transformaram o Romantismo em algo agradável de ler, partindo da idealização romântica.

## **1. CONTEXTO HISTÓRICO, CULTURAL E GEOGRÁFICO DO ROMANTISMO BRASILEIRO**

O Romantismo, surgido no século XVIII na Alemanha, se inicia no Brasil em 1836 quando Gonçalves de Magalhães, um escritor, professor, político brasileiro, e também um dos principais poetas da Primeira Geração Romântica,

publica, na França, a revista *Nitheroy – Revista Brasiliense*, juntamente com um grupo de jovens intelectuais brasileiros, trazendo como lema “*tudo pelo Brasil, para o Brasil*”. No mesmo ano, Gonçalves de Magalhães publica *Suspiros Poéticos e Saudades*, um livro de poesias românticas, sendo esta considerada o marco para o início do Romantismo no Brasil.

No tempo de 1823 a 1831, o Brasil viveu um período bastante conturbado como reflexo do antigo reinado carregado de autoritarismo de D. Pedro I, até sua abdicação. Seguido pelo Período Regencial, de 1831 a 1840, e a necessidade de D. Pedro II, filho e príncipe regente de D. Pedro I, assumir o poder em 1840, com apenas 15 anos de idade, tornando-se imperador do Brasil. É neste contexto confuso e carregado de transformações, que surge o Romantismo Brasileiro, pois cresce um sentimento de nacionalismo no agora independente Brasil, buscando o passado histórico, a exaltação da natureza e da pátria, desenvolvendo também uma determinada aversão ao que é de origem portuguesa vulgo lusofobia, que consiste na hostilidade contra Portugal, o povo português ou a língua e a cultura portuguesa.

Porém, mesmo após a independência do Brasil, em 1822, em que o país agora se rompia dos laços políticos com sua antiga metrópole, os intelectuais brasileiros reproduziam, de forma consideravelmente inocente, os modelos de pensamento europeu, inclusive apresentaram esse mesmo aspecto na Literatura Brasileira, de modo em que as características que faziam parte de um ideal de beleza, do que era considerado “bom” e “ideal” foram reproduzidos nos personagens principais e em seus enredos.

É impossível deduzir ou definir com absoluta certeza quais foram os motivos ao aderirem tais características. Poderia esse ato ser considerado como uma consequência exclusiva de influências estrangeiras? Ou o medo de se arriscarem ao criarem algo novo e diferente do que era retratado na literatura na qual estavam acostumados, ato que foi realizado por outros escritores posteriormente, criando outras escolas literárias, não ser bem aceito pelo público? Talvez as duas hipóteses estejam corretas em determinadas proporções.

Quando se acompanha a fundo a trajetória dos principais autores do Romantismo Brasileiro de primeira fase, pode-se perceber que muitos deles (ou até mesmo a maioria), estudaram fora do país, tiveram professores estrangeiros,

ou leram obras de autores estrangeiros. A idealização era criar uma literatura independente do modelo já criado, pois buscavam não só uma independência política, como também uma independência cultural. Entretanto, o único modelo que conheciam e haviam lido durante todo o período de suas vidas, era o modelo da literatura europeia. Então como criar algo novo, sendo que, no Romantismo, há uma necessidade de fugir da realidade, e nesta fuga, é necessário voltar-se ao passado? Qual era o passado do Brasil?

No modelo europeu, não havia problema algum ao fazê-lo, pois já estava tudo bem definido. Mas, e quanto ao Brasil? Cujas história em sua totalidade ainda é desconhecida, e que se possuem pouquíssimas informações a respeito, tirando como base o princípio de tudo, a carta de Pero Vaz de Caminha, em meados de 1500, e que há, expressas, grande parte da mentalidade européia e de um homem vivido em sociedade. Diante de todos esses questionamentos, os intelectuais se depararam com um conflito: como achar o modelo do herói nacional brasileiro? Sendo que, o próprio brasileiro era (e continua sendo) uma miscigenação de diferentes culturas e etnias?

Durante a Idade Média na Europa, o cavaleiro medieval era a figura idealizada, sendo considerado o herói representante de uma identidade cultural européia. Mas quando se olha para o Brasil, assim como os escritores daquela época o fizeram, foi preciso olhar muito além, pois não existiu, no Brasil, o cavaleiro medieval, fazendo-se necessário escolher algo pictórico entre as opções presentes no território brasileiro. Entre elas estavam os nativos indígenas, que estiveram aqui muito antes dos portugueses, os próprios portugueses, em que acabaram de romper laços políticos ou os negros que aqui também jaziam, quando trazidos pelos portugueses.

Com o pensamento de que toda nação precisa de um representante nato, e que os grupos indígenas eram os únicos que carregavam características de um povo sem influência de uma sociedade, uma mente não corrompida, o tal comportamento “civilizado” dito pelos portugueses e que possuíam sua própria cultura: seus deuses, seus costumes, suas crenças, suas tradições. Portanto, nada mais justo do que objetivar este, o verdadeiro e puro habitante do território brasileiro, como o herói nacional.

Contudo, não convinha, para os escritores, retratar o indígena como ele realmente era, visto que as características desse povo poderiam não entrar em

consenso com as características que o povo europeu considerava politicamente corretas, ou literariamente aceitas, pois estas poderiam fugir das próprias características do romantismo, e o dito “herói nacional” poderia não ser considerado tão herói assim, sendo necessário fazer alterações em sua conduta para que a imagem representada fizesse jus ao nome. Logo, ao índio, foram aderidas, as características do cavaleiro medieval, distanciando-se de sua verdadeira personalidade.

Foi através desse ato, cheio de empréstimos, que a literatura brasileira passou a caminhar em direção a sua própria forma, de sua própria maneira.

## **2. JUSTIFICATIVA ROMÂNTICA PARA A REPRESENTAÇÃO DO INDÍGENA COMO O “BOM SELVAGEM”**

O questionamento que norteia esse trabalho é a real retratação do índio nas obras do romantismo, já que as obras são brasileiras e escritas por brasileiros. Pois bem, identifica-se que mesmo sendo brasileiros esses autores estudaram na Europa ou leram autores europeus.

O descobrimento do Brasil na viagem expedicionária de Cabral se é que se pode dizer que foi de fato um descobrimento, uma vez que já havia habitantes no país, é adequado considerar como uma obra ficcional.

Os habitantes eram muitos povos indígenas com suas próprias culturas, hábitos e costumes, povoaram várias partes desse território. E assim, com a vinda dos portugueses, houve um choque de realidades entre dois povos bastante diferentes.

Na Carta de Pero Vaz de Caminha encontra-se o primeiro contato com os nativos, Caminha descreve como eles eram e como agiam

E dali avistamos homens que andavam pela praia, uns sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos que chegaram primeiro. [...]. Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas. Vinham todos rijamente em direção ao batel. E Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os depuseram. (CAMINHA, 1963, p. 1)

Pero de Magalhães Gândavo historiador e cronista português do século XIV, que testemunha direta das novidades das novas terras e dos acontecimentos e foi tido em alto valor e um verdadeiro registro da emigração

portuguesa para o novo mundo, também descreveu os índios em História da Província de Santa Cruz. E ao descrevê-los, Gândavo ressalta que eles são desagradecidos, desumanos, cruéis e vingativos.

Estes Indiossam de côr baça, e cabelo corredio; tem o rosto amassado, e algumas feições dele á maneira de Chins. Pela maior parte sam bem dispostos, rijos e de bôa estatura; gente mui esforçada, e que estima pouco morrer, temeraria na guerra, e de muito pouco consideraçam: sam desagradecidos em gran maneira, e mui deshumanos e cruéis, inclinados a pelejar, e vingativos por extremo. Vivem todos mui descansados sem terem outros pensamentos senam de comer, beber, e matar gente [...]. (GÂNDAVO, 1980, p. 25)

O que é bem diferente de Caminha quando ele diz que os nativos são bem dóceis, mansos e inocentes, o “bom selvagem”. Essa expressão vem da época da Revolução Francesa com o Filósofo Jean Jacques Rousseau que diz que o homem é bom por natureza e que a convivência em sociedade que é a causa de sua degradação moral.

Assim, tornou-se o índio símbolo do homem brasileiro, com uma originalidade, honrado, guerreiro, com uma bravura e heroísmo atribuídos pelos autores. A criação de Peri, o personagem do romance “O Guarani” é justamente uma inspiração do “bom selvagem” de Rousseau. Essa obra de José de Alencar é a retratação da idealização heroica do índio, destacam-se na narrativa alguns valores como o bem, o belo, o justo e o verdadeiro, isso faz com que desperte no leitor uma imaginação mítica. Percebe-se esse “bom selvagem” vive em perfeita harmonia com a natureza.

... O homem que nasceu, embalou-se e cresceu nesse berço perfumado; no meio de cenas tão diversas, entre o eterno contraste do sorriso e da lágrima, da flor e do espinho, do mel e do veneno... ... Canta a natureza na mesma linguagem da natureza; ignorante do que se passa nele, vai procurar nas imagens que tem diante dos olhos a expressão do sentimento vago e confuso que lhe agita a alma (ALENCAR, 1999, p. 225)

Já em Iracema o autor José de Alencar dá certa leveza ou personagem do indígena considerando o período que se passava. É preferível destacar que nessa obra tem-se presente o branco convivendo no meio do índio.

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema. Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como seu sorriso (...) Mais rápida

que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu..." (ALENCAR, 1865, p. 12)

Evidenciam-se as características românticas que sobressaem à leitura dando certa pureza na personagem que é uma índia tabajara. Seu próprio nome, que tem como significado "lábios de mel" demonstra sutileza. Aqui é possível ver a exaltação do índio, da natureza-pátria, o que gera uma idealização da realidade.

Para fechar uma sequência de obras de José de Alencar onde ele retrata o índio em diversas fases, pode-se perceber algumas características na obra "Ubirajara" de José de Alencar que descreve o índio apenas no convívio de seu povo, isto é, antes de ter contato com o branco. Ubirajara é narrado a história de jovem índio que por sua vez é atribuído pelo autor com todos os atributos de um verdadeiro herói nacional. Lutando para se tornar grande guerreiro Jaguarê, que logo depois de vencer Pojucã, passa a se chamar Ubirajara é reconhecido como herói.

O rugido do jaguar abala a floresta, mas o caçador também despreza o jaguar, que já cansou de vencer.  
Ele se chama-se Jaguarê, o mais feroz jaguar da floresta; os outros fogem espavoridos quando de longe o pressentem.  
Não é esse o inimigo que procura, porém outro mais terrível para vencê-lo em combate de morte e ganhar nome de guerra. (ALENCAR, 2003, p. 3)

É possível destacar também a imponência de como o índio sabia manusear as armas, são essas algumas características que ajudam a formação do perfil de herói brasileiro. Citando Alencar (2003), "nenhum guerreiro brandiu jamais essa arma terrível, que sua mão primeiro fabricou." A intenção do autor é levar aos leitores que o indígena é muito mais que um selvagem que já habitava o Brasil antes dos colonizadores.

### **3. A REPRESENTAÇÃO DO INDÍGENA EM TEXTOS DE INFORMAÇÃO**

Os textos de informação ou textos informativos não se tratam de textos especificamente literários, mas fazem parte da Literatura de Informação, pois correspondem a documentos e escritos históricos que dizem respeito a um povo ou à uma cultura em determinada época. Essa categoria de literatura esteve

muito presente no Brasil, durante o período de 1500 a 1601, equivalente ao primeiro movimento literário do Brasil: o Quinhentismo.

Foi bastante utilizada pelos viajantes que vieram ao Brasil, com o intuito de informar ao rei sobre as novas terras que pisaram, o que havia dentro delas e o que poderia ser feito ali naquele local. Estes textos foram fundamentais não só para a compreensão do pensamento europeu, e também para o conhecimento da cultura indígena, mas foram essenciais para a fundação da Literatura Brasileira.

A carta de Pero Vaz de Caminha é considerada como a certidão de nascimento para a história do Brasil, nela, além de obtermos informações sobre a aparência do povo indígena, do outro lado, percebe-se, em algumas descrições feitas, a impressão de selvageria que o homem “civilizado” tinha a respeito de alguns costumes daquele povo:

A feição deles é serem pardos maneiras d'avermelhados de bons rostos e bons narizes bem feitos. Andam nus sem nenhuma cobertura, nem estimam nenhuma cousa cobrir nem mostrar suas vergonhas e estão acerca disso com tanta inocência como têm de mostra o rosto. (CAMINHA, 1500, p. 3)

(...)

Também andavam entre eles quatro ou cinco mulheres, novas, que assim nuas, não pareciam mal. Entre elas andava uma, com uma coxa, do joelho até o quadril e a nádega, toda tingida daquela tintura preta; e todo o resto da sua cor natural. Outra trazia ambos os joelhos com as curvas assim tintas, e também os colos dos pés; e suas vergonhas tão nuas, e com tanta inocência assim descobertas, que não havia nisso desvergonha nenhuma. (CAMINHA, 1500, p. 8)

É importante evidenciar que, Caminha cita várias vezes a nudez dos povos indígenas, estando ele bastante surpreso, justamente por ser o extremo oposto ao que conheciam como realidade, de pessoas extremamente cobertas devido ao frio e também devido cultura do povo europeu, bastante ligado ao catolicismo, na qual a nudez poderia ser ligada diretamente ao pecado.

Da mesma forma em que é citada a carta de Pero Vaz de Caminha como forma de obtenção de informações sobre o povo indígena e a forma que o mesmo era retratado diante uma visão colonizadora e de homem inserido na sociedade, o “*Diário de Navegação*”, escrito por Pero Lopes de Sousa, que foi navegador português e escrivão do primeiro grupo colonizador (1530), merece destaque, especialmente, nos trechos em que são citados características do povo indígena, suas crenças e seus costumes.



Ao abordar o tema Constelações e Nomenclaturas de estrelas, podem-se destacar determinados trechos, em que apontam a originalidade de denominações de uma tribo indígena.

Por esses dias também os Índios do Maranhão - observadores deste maravilhoso céu - tinham já a sua original astronomia que só oitenta anos depois da expedição de Martim Affonso e já um tanto influenciada pela corrente colonizadora, nos foi revelada pelo frade capuchinho Claude d Abbeville. (SOUSA, 1530, p. 71)

(...)

Pela descrição do capuchinho írancez sabemos terem esses indios o sói ("Coaraci"), por força criadora de todo ser, e "Jaci" (a lua) por mãe dos vegetaes e fructos. A'sestrellas chamariam - luas brilhantes - ou "Jaci - tatá", tendo-as em constellações e como principaes as prenunciadoras das chuvas ou das secas. (SOUSA, 1530, p. 72)

Outras informações importantes que se pode destacar do "*Diário de Navegação*" é o relato do contrabando do pau-brasil, realizado pelos franceses, próximo à costa Pernambucana:

Os Franceses pretenderam chegar á America antes de Colombo e de Cabral Uma informação portuguesa affirma, não se sabe com que fundamento, sua presença na Bahia em 1504. Em 1514 seria mais provável, mas pouco importa. Vinham ao pau brasil, encontrado em abundancia e da melhor qualidade desde Parahiba e Pernambuco até Sergipe. (SOUSA, 1530, p. 10)

Os portugueses entraram em combate, tomaram-lhes o navio, e o incorporaram à esquadra portuguesa. Também fora relatado uma adversidade entre os portugueses e os franceses, em que se pode reconhecer quais tribos, especificamente, se juntaram aos portugueses, e quais se juntaram aos franceses, visto no seguinte trecho: "Como começaram as hostilidades entre portuguezes e francezes? Sabemos apenas que os francezes (mairs), tamoyos, tupinambás, pitiguares formavam um partido, e os portuguezes (perós), tupiniquins, tabajaras formavam outro." (SOUSA, 1530, p. 11)

Outro autor que também é válido citar dentro dos textos informativos, e que contribuiu para o conhecimento de questões políticas, territoriais, geográficas, antropológicas e inclusive econômicas do Brasil, é Pero de Magalhães Gândavo, um historiador, gramático e cronista de origem flamenga, nascido no extremo norte de Portugal, no século XVI. Trabalhou na transcrição de documentos na Torre do Tombo, em Lisboa, e foi nomeado provedor da Fazenda na Bahia, onde provavelmente permaneceu durante os anos de 1565

a 1570, percorrendo diversas outras regiões do Brasil, e registrando seus artigos em manuscritos que eventualmente se perderam, todavia, cópias foram guardadas.

Em sua obra “*Tratado da terra do Brasil: História da Província Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos de Brasil*”, que fora publicada em 1576, como uma terceira versão de dois textos sobre a colônia, sendo as versões anteriores o “*Tratado da Província do Brasil*”, e sua segunda e posterior versão “*Tratado da terra do Brasil*”, com o intuito de informar as pessoas das coisas que existiam aqui, dado que os bens e o clima da colônia foram listados de forma que o interesse das pessoas pudesse ser captado, como se fosse uma “propaganda da imigração”, para que pudessem vir e desfrutarem dessas riquezas.

Gândavo também descreve brevemente sobre os costumes indígenas diante algumas situações, como por exemplo, o “ritual” de algumas tribos em relação a seus inimigos, na qual cuidavam do cativo durante alguns meses, o davam de comer, beber, lhes ofereciam a índia mais formosa da aldeia para que com ele dormisse e assim que decidissem, faziam uma celebração para matar o cativo e comer-lhe a carne, visto que, de acordo com o próprio autor, tal ato era realizado mais por vingança e ódio do que por fome.

Quando estes índios tomam alguns contrários, se logo com aquele ímpeto os não matam, levam-nos vivos para suas aldeias (ou sejam portugueses ou quaisquer outros índios seus imigos) (...) e armam-lhe uma rede em que durma e dão-lhe uma índia moça, a mais formosa e honrada que há na aldeia, pera que durma com ele (...) Esta índia tem cargo de lhe dar muito bem de comer e beber; e depois de o terem desta maneira cinco ou seis meses ou o tempo que querem, determinam de o matar; e fazem grandes cerimônias e festas aqueles dias, e aparelham muitos vinhos para se embebedarem (...) tudo enfim cozem e assam, e não fica dele cousa que não comam. (GÂNDAVO, 1576, p. 68)

Comenta sobre aspectos da língua tupi, e suas formas de uso.

A língua deste gentio toda pela costa é, uma: carece de três letras – scilicet, não se acha nela F, nem L, nem R, cousa digna de espanto, porque assim não têm Fé, nem Lei, nem Rei; e desta maneira vivem sem Justiça e desordenadamente. (GÂNDAVO, 1576, p. 66)

A fauna e a flora, destacando o aspecto de que as palavras de Gândavo se parecem com uma propaganda para atrair os olhares das pessoas para essas

terras, e que ele está sempre a ressaltar as muitas coisas em abundância.

Há também muitas galinhas de mato que os índios matam com frechas, e outras muitas aves mui gordas e saborosas melhores que perdizes. Desta e de outra muita caça há no Brasil muita abundância. (GÂNDAVO, 1576, p. 63)

(...)

São tantas e tão diversas as plantas, frutas, e ervas que há nesta província, de que se podiam notar muitas particularidades, que seria cousa infinita escrevê-las todas, e dar notícia dos efeitos de cada uma miudamente. (GÂNDAVO, 1576, p. 108)

Também nos mostra a relação das pedras preciosas entre o colonizador e o colonizado.

(...) e traziam algumas delas por amostra, as quais eram esmeraldas, mas não de muito preço. E os mesmos índios diziam que daquelas havia muitas, e que esta serra era muito formosa e resplandecente. Tanto que os moradores desta capitania disto foram certificados, fizeram-se prestes cinqüenta ou sessenta portugueses com alguns índios da terra e partiram pelo sertão dentro com determinação de chegar a esta serra onde estas pedras estavam. (...) entraram pela terra algumas duzentas e vinte léguas, onde as mais das serras que acharam e viram eram de muito fino cristal e toda a terra em si muito fragosa, e outras muitas serras de uma terra azulada, nas quais afirmaram haver muito ouro (...). Finalmente que todos assentaram ser aquilo ouro nem podia ser outro metal, pois o mesmo ouro desta maneira nasce nas partes onde o há. (GÂNDAVO, 1576 p. 76)

Quanto às rivalidades das tribos indígenas, este autor salienta.

Estes índios são mui belicosos e têm sempre grandes guerras uns contra os outros; nunca se acha neles paz nem é possível haver entre eles amizade; porque umas nações pelejam contra outras e matam-se muitos deles, e assim vai crescendo o ódio cada vez mais e ficam inimigos verdadeiros perpetuamente. (GÂNDAVO, 1576 p. 67)

E principalmente, a representação do indígena visto por uma ótica portuguesa e católico-medieval, sendo esta o principal objeto de estudo deste trabalho.

Estes índios andam nus sem cobertura alguma, assim machos como fêmeas, não cobrem parte nenhuma de seu corpo, e trazem descoberto quanto a natureza lhes deu. Vivem todos em aldeias, pode haver em cada uma sete, oito casas, as quais são compridas feitas à maneira de cordoarias; e cada uma delas está cheia de gente duma parte e doutra, e cada um por si tem sua estância e sua rede armada em que dorme, e assim estão todos juntos uns dos outros por ordem, e pelo meio da casa fica um caminho aberto para se servirem. Não há como digo entre

eles nenhum Rei, nem Justiça, somente em cada aldeia tem um principal que é como capitão, ao qual obedecem por vontade e não por força; morrendo este principal fica seu filho no mesmo lugar; não serve doutra cousa se não de ir com eles à guerra, e conselhá-los como se hão de haver na peleja, mas não castiga seus erros nem manda sobre eles cousa alguma contra sua vontade. (GÂNDAVO, 1576 p. 67)

Com estas anotações, nota-se que Pero de Magalhães Gândavo foi bastante convicto em retratar diversas particularidades da cultura indígena e do terreno brasileiro como único e diferente de tudo aquilo que já haviam visto e presenciado.

#### **4. DUALISMO PITORESCO: ÍNDIO ROMÂNTICO E O ÍNDIO REAL**

No romantismo o índio retratado, apresenta características do herói europeu o cavaleiro medieval, honradez, bravura, heroísmo, sensatez. Claro que algumas mudanças como vestimenta e cor teriam que ser alterados para o contexto brasileiro. Assim como citado acima na obra “Iracema” esse índio nos é apresentado de uma forma suave que claramente não se pode saber que não é de sua natureza original. O romantismo tem essa forte característica de idealização do perfeito, do belo, assim transforma a leitura romântica em algo agradável de ler, uma vez que é impossível não se agradar desse herói criado pelos autores românticos (CÂNDIDO, 2002).

Já o Realismo chega ao Brasil como sendo um movimento artístico, onde os escritores querem retratar o homem e a sociedade em sua totalidade não bastando mostrar a face sonhadora e ideal que veio com os românticos. O Realismo se apresenta mais do que um movimento consistente e sim como uma tendência, com um discurso de que para ser romântico qualquer um pode ser, mas ser realista é ir além.

A questão em debate é que da realidade para a idealização é que os índios reais estão lutando para conservar-se na sociedade não conseguem atingir esse ideal. Apesar de idealizarmos ou os românticos idealiza-los como heróis eles são pessoas normais, que fazem coisas que pessoas normais fazem. E essa estigmatização traz um julgamento aos indígenas da realidade de “índios falsos”.

## 5. ASPECTOS POSITIVOS PARA A LITERATURA ROMANTICA

O romantismo trouxe para o país um sentimento de independência, uma vez que seu período foi logo após a vinda da família real e esse espírito de liberdade ficou ainda mais forte isso despertou nos autores um sentimento nacionalista o que fez com que o brasileiro olhasse para sua história, seu passado como algo em que tivesse orgulho de ser brasileiro, valorizando sua pátria, a natureza e assim nomear o índio como seu herói.

Outro aspecto do romantismo que trouxe benefícios para os país foi a criação de novas escolas, bibliotecas, museus e órgão de imprensa no Rio de Janeiro (nova sede monarquia) o que contribuiu para a elevação das informações e como estímulo a novas ideias no país. E ainda D. João VI ordenou que os portos fossem abertos para comércio com outras nações, que possibilitou a vinda de novas tendências no Brasil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise da verdadeira representação da figura do índio na primeira fase do romantismo, assim como onde tudo começou, o momento histórico em que a nação vivia como chegaram à escolha do indígena como o herói brasileiro e a justificativa romântica para que esse indígena fosse representado pelos autores da época como o “bom selvagem”. Além disso, também permitiu pesquisa em textos informativos que fazem parte da Literatura de Informação que são documentos e do mesmo modo retratam o índio em determinada época. A idealização que o Romantismo traz e a forma do Realismo retratar o homem e a sociedade em sua completude e os aspectos positivos para a literatura romântica são também discussões que esse estudo se encaminhou.

Produzir o vigente trabalho de pesquisa e análise foi de suma importância para ampliar os conhecimentos literários das autoras sobre o tema que é atemporal e traz compreensão do mundo e do ser humano, permitindo ao leitor entrar em contato com as diferentes realidades culturais no tempo e no espaço.

Partindo do objetivo de analisar a representação do indígena na primeira fase do romantismo brasileiro, verificou-se que como o Brasil não tinha um herói

a se apegar, os escritores brasileiros elegeram o índio como esse valente e corajoso herói da nação brasileira, porém lhe foi atribuído características do cavaleiro medieval, uma vez que a Europa teve grande influência para os autores da época, já que em sua maioria estudaram fora. Ao pesquisar e analisar alguns textos de informação pode-se identificar que os índios não eram tão dóceis quantos se imaginam e que poderiam até mesmo ser cruéis e vingativos em certos momentos. Porém a literatura precisava de um herói capaz de atrair os olhares do povo brasileiro que estava com um sentimento nacionalista.

Para finalizar, a partir dos conteúdos desenvolvidos para este trabalho, é possível notar que a necessidade do país, em uma época que a nação vive com um sentimento de independência, era buscar uma idealização de um herói que fosse considerado o símbolo do país, mesmo que para isso fosse necessário camuflar a verdadeira identidade do indígena brasileiro, o transformando em um símbolo nacional e exemplo para muitos.

**ABSTRACT:** This article presents representations, points of view, and impressions of both Brazilian and Portuguese writers about Brazilian Indians and their culture. A chronological, geographical, literary and cultural analysis, seeking to obtain a possible comprehension of the thought of the time, and its reflections incorporated in the Romantic literary movement in Brazil, specially its first generation, since it is at this moment that the exaltation of the motherland and the search for the ideal model of national hero take place. Therefore, there is a definition of the typical Brazilian hero formed at the time based on the investigation of some literary and historical documents related to the national colonization.

**KEYWORDS:** Representations. Analysis. Romanticism. Brazilian Natives. Hero.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José de. **O Guarani**. Rio de Janeiro: 1857.

\_\_\_\_\_. **Iracema**. Rio de Janeiro: 1865.

\_\_\_\_\_. **Ubirajara**. Rio de Janeiro: 1874.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 47. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

CAMINHA, Pero Vaz. **Carta de Pero Vaz de Caminha**. MINISTÉRIO DA CULTURA Fundação Biblioteca Nacional Departamento Nacional do Livro.

CANDIDO, Antonio. **O romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/SP, 2002.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães. **Tratado da terra do Brasil: História da Província Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos de Brasil**. Edições do Senado Federal – Vol.100. Brasília: 2008.

SOUSA, Pero Lopes. **Diário de Navegação de Pero Lopes de Sousa 1530 – 1532**. Rio de Janeiro: Typographic Leuzinger, 1927.